PESQUISA, TEXTO E ROTEIRO:
Beatriz Góis Dantas

ASSESSORIA MUSEOLÓGICA:
Maria Cristina de Oliveira Bruno-USP

FOTOGRAFIA:
Jairo Andrade

PINTURA
Gilson Santos

PROMOÇÃO:

Universidade Federal de Sergipe
Proex-Núcleo Museológico da UFS
CECH-Departamento de Ciências Sociais

APOIO:

Secretaria de Estado da Cultura
e Meio Ambiente
Serviço Social do Comércio-SESI

XIX FASC

IV CENTENÁRIO DA
CONQUISTA DE SERGIPE

E X P O S I Ç Ã O

" O ÍNDIO EM SERGIPE "

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A P R E S E N T A Ç Ã O

A Universidade Federal de Sergipe, centro de pesquisa, ensino e extensão, integra-se aos eventos do IV CENTENÁRIO DA CONQUISTA, levando para a comunidade resultado de pesquisa que visa a contribuir para ampliar a reflexão sobre a presença e o papel do índio na sociedade sergipana.

A proposta desta exposição é recuperar, através de diferentes formas documentais, a presença do índio ao longo dos quatrocentos anos da história de Sergipe e apresentar, numa perspectiva histórica e antropológica, uma visão dinâmica da trajetória das sociedades indígenas no seu embate com a sociedade colonial e mais tarde nacional.

Propõe-se ainda subsidiar ações didático-pedagógicas no sentido de integrar a UFS ao ensino do 1º e 2º graus.

A exposição "O Índio em Sergipe" dá continuidade a uma linha de trabalho que, há anos, vem sendo desenvolvida pelo setor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais, objetivando a divulgar os resultados e a documentação reunidos através das suas pesquisas, dando-lhes uma feição museográfica e didática como forma de socializar o conhecimento e acesso aos acervos acumulados.

O ÍNDIO EM SERGIPE

O termo índio, designação dada pelos europeus aos primitivos habitantes da América, esconde a diversidade de povos indígenas que habitaram o atual território de Sergipe, ao longo de sua história.

Tupinambá, Kiriri, Caxagó, Aramuru, Natu, etc. são denominações de grupos indígenas que os documentos registram, guardando a memória dos muitos povos, que desapareceram com suas línguas e culturas ao longo do processo de conquista da terra sergipana.

A conquista, processo que se anuncia nas investidas dos colonos em busca de escravos e nas tentativas de catequese realizadas pelos jesuítas, tem como marco o ano de 1590. Há 400 anos, na noite de Ano Novo, as tropas portuguesas, chefiadas por Cristovão de Barros, venceram os índios, chefiados pelo cacique Baepeba, num sangrento combate que se tornou o marco da conquista de Sergipe, um sinal de imposição do domínio colonial aos índios que habitavam os territórios compreendidos entre os rios Real e São Francisco.

No rastro da derrota que leva ao extermínio milhares de índios se alonga, silenciosamente, a violência da submissão dos sobreviventes à ordem colonial, que se traduz na destruição das bases de sua organização social e das culturas milenarmente construídas.

Desalojados dos seus territórios, que vão sendo gradativamente ocupados pelo gado e pelas lavouras dos colonos, os índios são reunidos em aldeamentos onde, junto com a religião cristã, lhes são transmitidos os valores da nova sociedade. Apesar das presões, a aldeia foi o espaço que serviu de suporte aos índios de Sergipe para manutençao de uma coesão grupal, que lhes permitiu chegar ao século XIX, como uma categoria diferenciada de população oficialmente reconhecida como indígena.

Reunidos nas ladeias de Pacatuba, Japaratuba, São Pedro do Porto, Água Azeda e na Vila do Geru, os índios representavam, no início do século passado, cerca de 2% da população de Sergipe.

Mantendo vínculos estreitos com a população regional, os índios das aldeias viviam sujeitos a muitos conflitos e violências, que se atualizam através da negação da existência de índios em Sergipe, na segunda metade do século XIX. Sob a alegação de "mestiçagem" eliminam-se as aldeias cujos habitantes, além de terem negada a sua identidade étnica são espoliados das terras cuja posse coletiva era assegurada, por lei, aos índios aldeados. Hoje ainda os Xocó, índios que habitam a ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha, tentam recuperar o antigo território da aldeia. São aproximadamente 250 índios que vivem da agricultura, da pesca e da cerâmica. Falam português e seu modo de vida, aparentemente, pouco difere das populações rurais da região, com as quais partilham também características do tipo físico. Mas eles se consideram Xocó, vinculando-se, desse modo, com base numa continuidade histórica aos primeiros habitantes do país. Ser índio é um modo de identificação social, e o social não se define pelo biológico. Apesar de aculturados e mestiçados os Xocó não deixaram de ser índios, e o são do jeito que é possível sê-lo quatro séculos depois de conquistados.